

O REI CAÍDO
por Alê Camargo

Ao nascer do sol do quinto dia a grande batalha já estava decidida. Ainda restavam uns últimos focos desorganizados de resistência mais para o interior. Mas a capital humana ardia em chamas e uma devastação irreversível se espalhava por suas ruínas. O Rio Tyronna já corria vermelho há vários dias. O céu estava escuro das cinzas, e gemidos e lamentos gelavam as ruas em escombros.

Foi só então que as Hordas finalmente tomaram a cidade. Os demônios marcharam uivando para dentro dos portões quebrados, vindos diretamente do Grande Abismo. Cada qual era único em sua estranheza, mas todos eram igualmente terríveis. Tinham dois, três, muitos braços ou nenhum. Alguns tinham chifres, outros eram recobertos por escamas metálicas ou tinham olhos chamejantes ou línguas bifurcadas - eram uma multidão de pesadelos dos quais não se podia acordar. Suas figuras hediondas só eram superadas, talvez, por suas almas distorcidas.

Claro que os demônios foram ferozes com todos os humanos ainda vivos que encontraram pelo caminho. Mas foram especialmente criativos com os intervencionistas - um grupo de maltrapilhos chorosos que haviam passado os últimos meses da guerra defendendo a ideia de que os humanos deviam simplesmente entregar sua nação para os invasores e pedir clemência e justiça. Não tiveram nada da primeira mas tiveram mais que o suficiente da segunda, e os demônios usaram seus corpos em pedaços para escrever uma mensagem muito clara no alto das muralhas.

E a mensagem era: TUDO ACABOU.

Pela metade da manhã trombetas ecoaram pela capital avisando que o Arquiduque dos demônios, Menan-toth, havia chegado. Possuía longas asas de couro negro, e seu corpo era alto, quitinoso e escuro. Trazia na cabeça inúmeros chifres de vários tamanhos, esculpido e talhado e serrado para formar uma estrutura que lembrava uma coroa. Ele pousou cercado por sua tropa pessoal, e marchou resolutamente até o Palácio.

O Palácio de Prata havia sido cruelmente atacado e saqueado durante a noite. Seus salões e passagens e corredores e jardins estavam destruídos além do reconhecimento, como se tivessem sido triturados por um furacão. Corpos humanos e demoníacos atulhavam o lugar.

Nenhum dos heróis da Guarda de Elite palaciana sobrevivera ao massacre. O mais valente deles, o lendário Zamuth dos Portos, jazia perto da entrada do Palácio. E numa ala lateral perto do hall de entrada. E um pouco no corredor leste. E, tristemente, também debaixo de um dos passadiços.

Mas o Arquiduque e seus demônios não se detiveram diante de nenhum daqueles ou de outros tantos horrores, pois tinham um destino muito claro: a Sala do Trono. Ali os vitrais quebrados deixavam passar uma luz mortiça que iluminava pilhas de destroços fumegantes, e o cheiro de carne queimada empestava o ar.

Um grupo de demônios menores tinham formado um círculo num dos lados da grande sala, e agitavam com gritos nervosos suas lanças e espadas na direção de algo caído no chão. O Arquiduque e seu séquito se aproximaram, e os demônios prontamente deram passagem, revelando o centro de suas atenções.

Deitado ali numa poça de sangue estava Vanther III, o Rei dos Homens, ainda uma figura imponente apesar de tudo o que sofrera. Sua armadura reluzente estava amassada e perfurada em vários lugares, e recoberta do sangue negro dos vários demônios que abatera. Respirava profundamente, quase como se dormisse. Uma queimadura arrepiante levava um dos lados de seu rosto, e sua barba e cabeleira brancas estavam grudadas de coágulos e sujeira.

O Arquiduque se aproximou e avaliou a figura caída com um olhar satisfeito. O braço direito do humano estava numa posição peculiar, quebrado em vários pontos. O Rei Vanther também sangrava no tronco e abdômen, e cada uma das feridas era muto provavelmente fatal. E ainda assim o humano continuava vivo, o que abria para o Arquiduque toda uma série de possibilidades interessantes.

Foi nesse momento que o Rei caído moveu bruscamente seu braço ainda inteiro com um espasmo e o agitou no ar por algum tempo, . O Arquiduque voltou-se na direção para onde o braço do Rei se esticava e compreendeu: ele tentava inutilmente alcançar sua espada, caída meio metro além de qualquer possibilidade disso acontecer.

Mesmo diante da futilidade daquele gesto, o Arquiduque circulou sem pressa o Rei, aproximou-se da espada e a chutou para longe, com um tilintar metálico.

Vanther ficou imóvel por algum tempo vendo a espada distante, com sua mão parada no ar. Depois, ergueu o rosto ferido e observou o Arquiduque de forma intensa, de cima a baixo. E então seu rosto se iluminou, e de repente a dor se foi, e tudo se foi, e nada mais importava além daquilo, e o Mundo parou sem fôlego por um instante apenas observando, e o Rei dos Homens riu alto, riu forte, riu um riso bom, e seu riso ecoou pela Sala do Trono.

No silêncio que se seguiu os demônios menores se entreolharam surpresos. E mesmo inquieto diante daquela atitude tão fora de propósito o Arquiduque nada fez, exceto se aprumar um pouco mais, e erguer uma sobrancelha escamosa com desdém.

- Do que está rindo, humano? - disse o Arquiduque.

O Rei caído olhou nos olhos flamejantes de seu inimigo. E disse com a voz firme, para que todos ouvissem:

- Sua cabeça ficará ótima decorando minha parede.